

Avaliação Final

O trabalho final, individual, consiste na análise e comentário de um poema escolhido na lista que se segue:

- a) de Ana Martins Marques, “Coleção”; “O brinco”; “Penélope”. In: Cohn, Sérgio (org.) 2000: *Poesia.br*. São Paulo, Azougue, p. 15-21; “Âncora” (p. 13), “Jardim” (p. 17), “Barcos de papel” (p. 21), “Caravelas” (p. 27). In: *A vida submersa*, Belo Horizonte, Scriptum, 2009.
- b) de Frederico Barbosa, “Vocação do Recife”. In: Costa Pinto, M. (org.) *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21*. São Paulo, Publifolha, p.66-8.
- c) de Sophia de Mello Breyner Andresen, “Maria Helena Vieira da Silva ou o itinerário inelutável”. In: *Dual*. Porto, Assírio & Alvim, 2014, p. 51-2; “Ondas”. In: *Musa. O búzio de nós e outros poemas*. Porto, Assírio & Alvim, 2016, p. 55.
- d) de Armando Freitas Filho, “CDA no coração” (p. 59-60); “A um passante” (p. 71-2); “Muito depressa” (p. 452-3); “João Cabral: último rosto” (p. 589). In: *Máquina de escrever: poesia reunida e revista*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2003
- e) de Cláudia Roquette-Pinto, “O dia inteiro”; “De mãos postas”. In: Britto, P. H. *Ciranda de poesia: Cláudia Roquette-Pinto*. Rio de Janeiro, Ed. da Uerj, 2010, p. 62-3.
- f) de Fabio Weintraub, “Peito” (p. 15), “Emergências” (p.18), “Quando o amor recupera a visão” (p. 55); “Prometeu” (p.58), “Condomínio” (p. 59). In: *Falso trajeto*. São Paulo, Patuá, 2016.
- g) de Marcos Siscar, “O rio devolve seus barcos” (p. 81); “A cidade dança” (p. 84); “As flores do mal” (p. 93). In: Lemos, Masé. *Marcos Siscar (Ciranda da Poesia)*. Rio de Janeiro, EdUerj, 2011

O texto entregue deverá ter até 5 páginas (tipo corpo 12, espaçamento 1,5 linhas) e trazer, além das referências bibliográficas consultadas, a transcrição do poema analisado.

Data da entrega: 18/06, terça-feira, com cópia eletrônica para meu email, fsouza@usp.br (atenção: a entrega eletrônica não dispensa a impressa).

Para os que, por motivo justificado, deixarem de fazer a primeira avaliação, a prova substitutiva acontecerá em 25/06, terça-feira, no horário de aula.

Ana Martins Marques

Penélope | 15

I

O que o dia tece,
a noite esquece.
O que o dia traça,
a noite esgarça.
De dia, tramas,
de noite, traças.
De dia, sedas,
de noite, perdas.
De dia, malhas,
de noite, falhas.

II

A trama do dia
na urdidura da noite
ou a trama da noite
na urdidura do dia
enquanto teço:
a fidelidade por um fio.

III

De dia dedais.
Na noite ninguém.

IV

E ela não disse
já não te pertença
há muito entreguei meu coração ao sossego
enquanto seu coração balançava em viagem
enquanto eu me consumia

entre os panos da noite
 você percorria distâncias insuspeitadas
 corpos encantados de mulheres com cujas línguas
 estranhas eu poderia tecer uma mortalha
 da nossa língua comum.
 E ela não disse
 no início ainda pensei em você
 primeiro como quem arde diante de uma fogueira
 apenas extinta
 depois como quem visita em lembrança a praia da infância
 e então como quem recorda o amplo verão
 e depois como quem esquece.
 E ela também não disse
 a solidão pode ter muitas formas,
 tantas quantas são as terras estrangeiras,
 e ela é sempre hospitaleira.

V

A viagem pela espera
 é sem retorno.
 Quantas vezes a noite teceu
 a mortalha do dia.
 quantas vezes o dia
 desteceu sua mortalha?
 Quantas vezes ensaiei o retorno –
 o rito dos risos,
 espelho tenro, cabelos trançados,
 casa salgada, coração veloz?
 A espera é a flor que eu consigo.
 Água do mar, vinho tinto – o mesmo copo.

VI

E então se sentam
 lado a lado
 para que ela lhe narre
 a odisseia da espera.

Caçada

E o que é o amor
senão a pressa
da presa
em prender-se?

A pressa
da presa
em
perder-se

O brinco

Pode ser que como as estrelas
as coisas estejam separadas
por pequenos intervalos de tempo
pode ser que as nossas mãos
de um dia para o outro
deixem de caber
umas dentro das outras
pode ser que no caminho para o cinema
eu perca uma das minhas ideias
preferidas
e pode ser
que já na volta
eu me tenha resignado
alegremente
a essa perda
pode ser
que o meu reflexo sujo
no vidro da lanchonete
seja uma imagem de mim
mais exata
do que esta fotografia
mais exata do que a lembrança
que tem de mim
uma antiga colega de colégio
mais exata do que a ideia
que eu mesma
agora tenho de mim
e portanto pode ser
que a moça cansada
de olhos tristes

que trabalha na lanchonete
 tenha de mim uma imagem
 mais fiel
 do que qualquer outra pessoa
 pode ser que um gesto
 um jeito de dobrar
 os lábios
 te devolva
 subitamente
 toda a infância
 do mesmo modo que uma xícara
 pode valer uma viagem
 e uma cadeira
 pode equivaler a uma cidade
 mas um cachorro estirado ao sol não é o sol
 e uma quarta-feira não pode ser o mesmo que
 uma vida inteira
 pode ser
 meu querido
 que esquecendo em sua cama
 meu brinco esquerdo
 eu te obrigue mais tarde
 a pensar em mim
 ao menos por um momento
 ao recolher o pequeno círculo
 de prata
 cujo peso
 o frio
 você agora sente nas mãos
 como se fosse
 (mas ó tão inextinguível)
 o meu amor.

Colecionamos objetos
 mas não o espaço
 entre os objetos
 fotos
 mas não o tempo
 entre as fotos
 selos
 mas não
 viagens
 lepidópteros
 mas não
 seu voo
 garrafas
 mas não
 a memória da sede
 discos
 mas nunca
 o pequeno intervalo de silêncio
 entre duas canções

Editores

Mário Alex Rosa
Rogério Barbosa
Wagner Moreira
Welbert Belfort

Capa, projeto gráfico e diagramação

Beatriz Goulart

Revisão da autora

Marques, Ana Martins.

M357v A vida submarina / Ana Martins Marques. – Belo Horizonte: Scriptum, 2009.
144 p.

ISBN 978-85-89044-25-7

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDU: 82-1(81)

Barcos de papel

Âncora 13
Em branco 14
Margem 15
Espelho 16
Jardim 17
Caixa de costura 18
Aquário 19
Vaso 20
Barcos de papel 21
Lição de casa 22
Marinha 23
Relógios 24
Lanternas 25
Lugar para pensar 26
Caravelas 27
Trapézio 28
Reparos 29
Fogueira 30

Arquitetura de interiores

Sala 33
Copa 33
Cortina 33
Camas de solteiro 34

Livraria e Editora Scriptum
Rua Fernandes Tourinho, 99 – Savassi
Belo Horizonte – MG
(31) 3223 1789
scriptum@scriptum.com.br

Âncora

O sol percorre
toda a extensão de um muro

Riscos na paisagem
escrita a lápis

A rua começa desde a escrita –
esta em que te sigo

Este poema é uma âncora:
é para que você fique sempre aqui

Mas fogem as horas sem carícias
horas que são como um tanque de peixes sem peixes

A minha mão cobre a sua
com sua sombra

Este poema, pesado, afunda.

Espelho

Dentro do armário
do seu quarto de dormir
deve haver um espelho.

Se você sai
e deixa o armário aberto
durante todo o dia
o espelho reflete
um pedaço da sua cama
desfeita.

Se você sai
e deixa a porta fechada
durante todo o dia
o espelho reflete o escuro
do seu armário de roupas,
a luz contida dos vidros
de perfume.

Do outro lado do poema
não há nada.

Jardim

Se o jardineiro abandonasse no meio a tarefa
e cansado se sentasse numa cadeira
e gastasse toda a tarde
sob rosas gordas que são apenas rosas
e cegam de alegria
enquanto o jardim
nele mesmo
se contorce
tirando de dentro de si
o sexo intrincado das camélias
e a morte e a loucura dos lírios
e o tédio suburbano das goiabas
sob comoções antigas
talvez se sentisse um poeta
olhando o poema
que não sabe terminar.

Vaso

Moldar em torno do nada
uma forma
aberta e fechada.

Palavra por palavra
o poema circunscreve seu vazio.

Barcos de papel

Os poemas em geral são feitos de palavras
no papel
seria melhor se fossem de pano
porque poderiam tomar chuva
ou de madeira
porque sustentariam uma casa
mas em geral são feitos de palavras
no papel
e por isso servem para poucas coisas
entre as quais não se encontra
tomar chuva
ou sustentar uma casa.

Dobrados sobre si mesmos,
lançam-se no mundo
com a coragem suicida
dos barcos de papel.

Lugar para pensar

Gosto de pensar no escuro
fumando
olhando os polvos no aquário
do restaurante chinês
ou com a cabeça encostada no vidro do ônibus.

Gosto de pensar com as mãos na água
de óculos escuros
na escada rolante
vendo a cidade fugir
pelo espelho retrovisor.

Gosto de tentar adivinhar
o pensamento das pessoas
gosto de pensar que o pensamento
é um inquilino incendiário.

Uma coisa que nunca entendi é por que
em geral se acredita que o poema
não é lugar para pensar.

Caravelas

Quando os peixes dormem
contra o jade da água
e o mar respira fundo
com o vigor das ondas
batendo contra os cascos desfeitos dos navios
(quando então os peixes mais pesados
sonham as sereias, os corais,
as águas-vivas, as enseadas e o sal)
sabemos que as mesmas marés
escondem recifes
e fabricam a espuma –
a regularidade é uma invenção delas:
as caravelas não são livres.

O poema aprende com o mar
a colocar os corpos em perigo.

Vocação do Recife

para Jomard Muniz de Brito

Recife

Não a Veneza americana

Não a Maurissiad dos armadores das Índias

Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois —

Recife das revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife da minha infância

Manuel Bandeira, "Evocação do Recife"

Recife sim

das revoluções libertárias
da teimosia ácida
do contra.

não o Recife da minha infância
de golpe e exílios
gorilas e séquito
de vermes venais.

Recife sim

da coragem Caneca
da conscientização neológica
das lutas ligas lentas
do sempre
não.

Não o Recife sem literatura
no papo raso da elite vesga
a vida mole e a mente dura.

Recife sim

poesia e destino
na memória clandestina
de sombras magras
sobre pontes e postais.

Bandeira

sutil na preterição sim.

Clarice sim

frieza entranhada
na estranheza de ser Recife.

Recife sim

na literatura navalha
só lâmina solar
solidão sem soluços
só suor de João Cabral.

Recife sim

nos cortes certos
de Sebastião
contra a metáfora vaga
e o secreto.

Não o Recife sonho consumo
de turistas e prostitutas
na praia do sim
shopping sem graça
de Boa Viagem.

Recife sim
que em Nova Iorque
se revê
Hudson Capibaribe
ecos de Amsterdam.

Recife rios
ilhas retalhos
retiros velhos
reflexos de Holanda.

Não o Recife que revolta
na extrema diferença.
Não o Recife que expulsou
sua própria inteligência.

Recife sim
que se revolta
vivo.

Faca clara
que ainda fala
não.

[de *Brasilbrasil*]

> A poesia de Frederico Barbosa traz à tona uma questão que atravessa a poesia da segunda metade do século 20 e continua válida hoje: é possível manter o sentido utópico das vanguardas modernistas sem cair na reprodução de modelos supostamente transgressivos? A idéia vanguardista de violação das normas vigentes (poéticas, sociais), de revolução permanente e de afirmação do novo não acaba neutralizando a si mesma?

O problema foi colocado em todas as suas nuances pelo poeta mexicano Octavio Paz (1914-1998), num ensaio do livro *Os Filhos do Barro* cujo título encetra um oxímoro: "A Tradição da Ruptura". Não existe resposta unívoca para a pergunta ("a ruptura com tradição não teria se tornado ela mesma uma forma tradicional de lidar com o legado cultural do passado?") e, num plano mais imediato, nenhum poeta ou movimento poético está livre de ver suas propostas virulentas serem assimiladas pacificamente ao longo do tempo. Professor de literatura e organizador de antologias poéticas, Frederico Barbosa se expõe a esse risco, ao adotar em sua poesia um tom belicoso, típico das vanguardas, e ao mesmo tempo associá-la às propostas estéticas dos concretos (em relação aos quais poderia ser considerado um simples epígono). Ele sustenta essa tensão permanente entre continuidade e diferença (ou de diferença dentro da continuação) por meio de uma idéia de negatividade que perpassa sua produção.

Sophia de Mello Breyner Andresen

DUAL

prefácio de
Eduardo Lourenço



Sophia de Mello Breyner Andresen fotografada por João Cutileiro

ASSÍRIO & ALVIM

MANHÃ DE OUTONO
NUM PALÁCIO DE SINTRA

Um brilho de azulejo e de folhagem
Povoa o palácio que um jovem rei trocou
Pela morte frontal no descampado

Ele não quis ouvir o alaúde dos dias
Seu ombro sacudiu a frescura das salas
Sua mão rejeitou o sussurro das águas

Mas o pequeno palácio é nítido — sem nenhum fantasma —
Sua sombra é clara como a sombra de um palmar
No seu pátio canta um alvoroço de início
Em suas águas brilha a juventude do tempo

MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA
OU O ITINERÁRIO INELUTÁVEL

Minúcia é o labirinto: muro por muro
Pedra contra pedra livro sobre livro
Rua após rua escada após escada
Se faz e se desfaz o labirinto
Palácio é o labirinto e nele

Se multiplicam as salas e cintilam
Os quartos de Babel roucos e vermelhos
Passado é o labirinto: seus jardins afloram
E do fundo da memória sobem as escadas
Encruzilhada é o labirinto e antro e gruta
Biblioteca rede inventário colmeia —
Itinerário é o labirinto

Como o subir dum astro inelutável —
Mas aquele que o percorre não encontra
Toiro nenhum solar nem sol nem lua
Mas só o vidro sucessivo do vazio
E um brilho de azulejos íman frio
Onde os espelhos devoram as imagens

Exauridos pelo labirinto caminhamos
Na minúcia da busca na atenção da busca
Na luz murável: de quadrado em quadrado
Encontramos desvios redes e castelos
Torres de vidro corredores de espanto

Mas um dia emergiremos e as cidades
Da equidade mostrarão seu branco
Sua cal sua aurora seu prodígio

52

UM PÁLIDO INVERNO

Um pálido inverno escorria nos quartos
Branco de silêncio como a névoa
Um frio azul brilhava no vidro das janelas
As coisas povoavam os meus dias
Secretas graves nomeadas

53

ASSÍRIO & ALVIM

prefácio de
Carlos Mendes de Sousa

O BÚZIO DE CÔS
E OUTROS POEMAS

MUSA

Sophia de Mello Breyner Andresen

ONDAS

Onde — ondas — mais belos cavalos
Do que estas ondas que vós sois
Onde mais bela curva do pescoço
Onde mais longa crina sacudida
Ou impetuoso arfar no mar imenso
Onde tão ébrio amor em vasta praia?

Dezembro de 1989

MÁQUINA DE ESCREVER

ARMANDO FREITAS FILHO

poesia reunida e *novata*



Mesa seca, no osso, sem o viço de origem.
Com os quatro pés de esqueleto, já sem raízes
pisando na terra, prestes a se quebrarem.
A madeira é quase lenha que não lembra mais
quando ousou folhar flor fruto, vergou sua copa
o tronco, com os ramos estalando sob o vento.
Quando deu sombra e intervalo ao sol.
Quando foi árvore de onde a ave deriva.

10 anos

para Carlos

Flor masculina do meu bosque
seu cheiro começa a ser íngreme
árduo — de cabelo e músculo —
de dias ardidos de escalada.

Subsiste o primeiro suor da noite
inodoro porque em repouso
a pele lisa que a barba e a acne
ainda não contrariam, o ar de entrega

que se mantém embalsamado
pelo sono ou por algum sonho
de maldade, com mulher de celofane.
Mas a infância já se feriu, inevitável
ao entrar na casa de dois dígitos para sempre.

A dor de alterar-se, de altear-se
estala, e a inocência também é de sangue.
Uma e outra se quebram e reanimam-se:
têm o mesmo comportamento, prazo
bravio e breve, das ondas no mar.

em casa

No quintal, abrupta, primária
a rocha aflora — é o pé no chão
do Pão de Açúcar, pronto, sentido!
Sentinela batendo no céu, em continência.
Parado, atrás da casa, equilibrado
para não dar um passo a mais, para não pisar
na vida do pequeno jardim, no bosque de ráfias.

na rua

Cheiro de chão de cerâmica molhada
e de grama recém cortada rente.
O mar sempre beirando as pedras, mas
às vezes, raro, em ressaca, no paredão.
O rumor arranhado das folhas secas na rua
a nota só, aguda, repetida, retomada
do rap ardente da trilha das cigarras
e a percussão breve das amêndoas
quando caem na calçada, e meio abaulada
quando batem no teto e no capô dos carros.

CDA no coração

Drummond é Deus. Pai inalcançável.
Não reconhece os filhos. A mão ossuda
e dura, de unhas rachadas, não abençoa:
escreve, sem querer, contudo, a vida
de cada um, misturada com a sua.
Sangue da mesma família, carne
igual — de milagre e tigre — continua
a se emendar, ferida após ferida.

Mas não cessa. Não pára, ainda que a dor ameace interromper a veia, do que só sob pressão se articula inteligível, do que só funciona sozinho, pessoal, mas transparente contra a vontade do coração medido.

Óculos, binóculos, luneta metafísica aproximam o que já é próximo: o que respira colado à pele sem que o pensamento passe a limpo o calor do que quase inaudível é inaudito e íntimo, do que é subterrâneo mas não quer outra existência ou apogeu: do que sem luz natural ilumina para dentro, para baixo e cresce — raiz sem flor no fim. Sem o desperdício do suor da cor. Sem ser surpreendida, sem flagrante sequer de sua fragrância imaginada.

Boca de traço reto. Face litográfica riscada em poucas linhas, a carvão.

O corpo está em jogo desentranhando-se das paredes urbanas que atravessa a passo automático, com sua fala seca datilografada depressa, que transforma tudo em linguagem; o sub-reptício, o explícito — o vulto e o vulcão — acontecendo em dois tempos: calculado e sem contagem, dentro da mesma voz que imprime, minuciosa, no verso o revérbero, e no rosto da folha da natureza, as suas variações sob o olhar azul-céu de longo alcance.

CA na cabeça

Sua pedra é do castelo
do esforço da montanha
em apurá-lo, com céu e neve.
E com um traço de horizonte
ao fundo, para iludir melhor
quem o quer alcançar — logo ali
logo além — sempre recuando
à mão agrimensora que refaz
o cálculo, toda vez, mas acaba
por contar incerto, e se interrompe.

Sua pedra é do castelo
não soletira nem se metaforiza.
Não se deixa paginar — bruta
não se lapida nunca, não
se faz rara, nenhuma máquina
a consegue aparar, pois se parte
e se funde, no trabalho, a ela:
peça engastada de ferro, aresta
calcária, rocha, barra e fere
o passo do caminho, as mãos presas.

Drummond andando

Do ar livre do verso ao metro
sua mão aponta no braço
que se colou ao corpo
mesmo em marcha cortada
por acidentadas nas ruas assimétricas
de chão, de pedra, do interior, do centro
alcançando longe, repercutindo: drum'n'bass
seu nome já se entrevê e se ouve

Mar desdobrável, mais automóvel
riscam o horizonte, a linha expressa
rente ao céu, de luz e arranhão.

Melodia do corpo de felinos
e o luar da perna que abre
a passagem para a boca emaranhada
da noite — suor fechado sem repouso
flor que não fica na sua geometria
e desgarra despétala detesta
o minuto fulminante do futuro.

Living

Champanhe
no máximo pérolas
nada que ameace a tua nudez
nem os vidros que revelam
em claro, a noite.

Acesas
a luz, as flores no vaso
acusam a cor que vai doer
sem poder dormir
até que se debruce e desmaie
e o traço do perfume
seja mais lembrado que sentido.

Só
com a imaginação
e os elementos da paisagem
que te elaboram, por escrito:
leque de céus que o dia

viva e esférica lagoa
sem nada de mar
que não chegou ainda
para salgar e molhar
com outra água
a boca de água doce.

Atlântica

Para Waldo, Franceschi e Paixão

lembrança de uma noite em que nos perdemos no Rio

Aceleração macia. Filhas da noite.
As pernas podem ser cruas. O náilon
que as despem tecido apenas
a partir da luz de alumínio dos postes
com uma pontada casual da lua.
Todas em pé, no mesmo horizonte de mercúrio.
O tronco, a floração do rosto
é menos nítida, embora haja
vermelho piscante na boca, nas palavras
nas unhas de qualquer gesto fosforescente
e nos pés torturados por sandálias
altas, botas, que se as arremessam para cima
também as chumbam no chão, carnavais e retesadas
ao lado da glândula dura e rubra do hidrante nu.

A um passante

Filho feito do que a rua apura
e junta sem refugar: ectoplasma
de panos sujos, de sacos de mercado
e latas, de arma desdentada na mão

mais o trecho do muro roído
que passa rente à linha do trem.
A vida não tem segunda via e vai
embora, terreno baldio, vala negra
mistura de céu e terra, e ainda:
plásticos pretos, catre de papelão
no meio-fio, à beira do trânsito.
Rio indo, inabalável, todo
tracejado por luzes e espumas
ao pé do leque aberto de montanhas
do puro perfil do Corcovado no sol posto.

Um lance de degraus

Dias duros de degraus de pedra.
De escada selvagem, irregular no piso
arrumado à mão, forçado, à unha
aproximando as lajes escalavradas
para o encaixe, assim, assim, sujeito
a frestas, frieiras, por onde, natural
o mato entra de dentro para fora.

Mas não só ali, acima, na de primitiva
ascensão, também nesta, contemporânea
de cimento paginado, linha por linha
— que se quis quimera de puro esmero —
há erro, ou um pouco de terra fera
que ficou entre degraus, entredentes
bastante para que brote através
dessa distração, mínimas folhas furiosas
atentas e invencíveis, que voltam mesmo
quando arrancadas, até o fim dos dias.

Império

Torres. Terror. Cada uma parece
um 1. As duas juntas marcam
o dia do espetáculo e a soma
dos alvos prateados em fundo
azul matinal 1 minuto antes.
1 minuto depois o que foi 1
número íntegro se parte em N
em 1001 decimais do que era
uno, de sol, vidro, aço, pedra e
esplendor no dia 10 e agora é 0.
E a primeira surpresa logo
se repete, 1 por 1, 1 igual a 1
ao outro, seu duplo, sua sombra.
No ano 1 do novo milênio nem
foi preciso ouvir a exclamação
dos ratos: "Que século!" ou sua
ação roedora no pé dos prédios:
Ícones! Píncaros! Edifícios! Fim!

Pessoal e transferível

Na primeira pessoa. No contrafluxo.
Em pé, encruado, sentindo a força
dos cabelos, das unhas, do dente decisivo
de camisa encardida, cheirando a suor.

Mando o que está escrito na cara
na testa, onde a linha do pensamento
que segue, à sombra, irregular e pontilhada
corresponde às rugas de expressão fixas

enquanto se perde, se perde
o ângulo de ataque.

Hardcore/altas horas
o cacete do relâmpago
tudo são cordas
gargantas máximas, agora.
E a arma branca do espelho
contra a parede
e que nem de noite se apaga
não pára de golpear:
segundos fora!

Me alimento com o élan
que vem das margens:
paus-de-luz
acessórios em volta
causando atrito
ao usar a lixa mais grossa.
Zen
é igual a zênite, zero
ou quase?

Muito depressa

Escrever metralhadora
quebra-quebra
o coração quer disparar
louco vermelho preso
entre paredes acolchoadas
atingindo muitos alvos
sem precisar de mira fina
ou olho microscópio
para ferir fundo e grave

sem matar jamais
aproveitando a brecha
de uma defesa baixa
e automática — colt
coronha, culatra e coice:
apenas uma mancha a mais
no tigre. Sim, sou culpado
até da morte de Gardell!
Lua e pulso.
A árvore canta no ar
parada.

Chão

Força e Luz.
Ando sobre as Águas
e Esgotos. Piso em cima
do Incêndio, do Telefone
das Águas Pluviais
do Gás.
Varredura sem radar
à mão livre e cega
só encontrando Lixo
para Carga e Descarga.

Curto, puro, urgente

Quieta. Isto aqui
é cego, surdo, mudo.
Só come.
Tiro no escuro
anônimo.

sem batom, cor de carne, o fio
o dispositivo do riso que se retira:
sorriso, sussurro, espécie de soluço
que se detém nos dentes, e não
sobe aos olhos, atrás dos óculos de sol.

Pose

para Adolfo

Tantas fotografias no étagère
tentando não serem tétricas:
paradas, olhando para o futuro
do próximo segundo, que não atingem.
Fora das molduras, das janelas
a cidade passa refletida nos vidros
nas vidraças da sala — o vento
dispara o gatilho do pássaro
atrás, através, drapeja a bandeira
despenteia árvores, cabeças — urgentes
e frágeis — em frente ao espelho
deste lado de cá, oposto ao das fotos
e das estátuas na praça — envelhecemos.

Deposição

A vida vem com a morte implícita.
Trações iguais da mesma corrente
com elos idênticos que só mudam
de sentido quando algum quebra.
A ferida de entrada aberta desde

amordaçada por sua camisa-de-força
natural, e que cai — cada vez mais —
no poço até o fundo, que não é falso
mas o que se sente, permanente
é a queda, não o primeiro chão
da cama ou o do próprio corpo
ou depois o último, final, de terra.

João Cabral: último rosto

(em dois momentos)

1. Facas de cem volts ou watts, não.
De cem velas, sim — velozes ao
se queimarem? Também lentas
ao despirem o breu, o betume:
nuas, bruxuleantes, e de inopino
agudas, enterrando a sua luz
— a luz rápida de um olhar
de lâmina cega no olhar da cara.
2. Face à faca acesa por cem velas.
Velozes ao se queimarem. Mas também
lentas ao despirem o breu, o betume:
nuas, bruxuleantes, e de inopino
agudas! Enterrando a sua luz
— a luz rápida de um olhar
na lâmina cega do olhar de cera.

Verbete para João Cabral

Ciranda da poesia

CLAUDIA ROQUETTE-PINTO
por PAULO HENRIQUES BRITTO



O dia inteiro perseguindo uma ideia:

vagalumes tontos contra a teia

das especulações, e nenhuma

floração, nem ao menos

um botão incipiente

no recorte da janela

empresta foco ao hipotético jardim.

Longe daqui, de mim

(mais para dentro)

desço no poço de silêncio

que em gerúndio vara madrugadas

ora branco (como *lábios de espanto*)

ora negro (como *cego*, como

medo atado à garganta)

segura apenas por um fio, frágil e físsil,

ínfimo ao infinito,

mínimo onde o superlativo esbarra

e é tudo de que disponho

até dispensar o sonho de um chão provável

até que meus pés se cravem

no rosto desta última flor.

De mãos postas o louva-a-deus ora,

monge de primeira hora,

longe do coro das cigarras

enquanto a tarde esbarra

na noite e, ombro a ombro,

lutam o claro e a sombra

até que, pesada, vence

a escuridão.

O lago, mais que um vago

parêntese aberto na mata

é a nata de um pensamento

que, lento e lento, se formula

na superfície nula da mente

(inversamente ao que se deu

naquele primeiro dia

quando o rosto do homem abria

em precipício, sobre deus).

Copyright © Editora Patuá, 2016
Falso trajeto © Fabio Weintraub, 2016

EDITOR

Eduardo Lacerda

ASSISTENTE EDITORIAL

Ricardo Escudeiro

CAPA, PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO

Laura Daviña e Natalia Zapella

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Mandíbula. Gravura em metal de Gérard de Lairese para o livro *Anatomia do corpo humano*, de Govard Bidloo. Amsterdã: Viúva de J. van Someren, 1690.

REVISÃO

Cão Rodrigues

W451f Weintraub, Fabio.

Falso trajeto. / Fabio Weintraub. – São Paulo: Editora Patuá, 2016.

ISBN: 978-85-8297-320-2

1. Poesia Brasileira I. Título.

CDD – B869.91

Ficha Catalográfica elaborada por Janaina Ramos – CRB-8/9166

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia Brasileira : Literatura brasileira

B869.91

Todos os direitos reservados à

Editora Patuá

Rua Manuel Luiz de Araújo Costa, 297 – Casa 1

São Paulo – SP CEP: 03280-020

Tel.: (11) 2216-0407 / 96548-0190

editorapatua@gmail.com

www.editorapatua.com.br

50 POEMAS
1996 - 2016

falso trajeto

Fabio Weintraub



gerenciamento antiestresse

imagine um córrego
há pássaros cantando
e o vento fresco da montanha
no céu de um azul limpíssimo

aqui nada pode aborrecê-lo
ninguém alcança esse lugar secreto
sem passagem para o mundo

a queda-d'água
enche o ar de sons gentis
a água é transparência absoluta

agora, sim, pode-se ver o rosto
daquele cuja cabeça
você comprime sob a água

peito

em decúbito dorsal
no meio dos camelôs
às duas da tarde
o aleijão

vejo o tórax deformado
o rosto muito vermelho
olhando o céu punitivo

altíssimo o esterno
e deslocado à esquerda
o que fazia pensar
no espaço de órgãos internos
como pulmões, coração
seguindo o peito em ogiva

mas a chuva que despenca
interrompe a conjectura

calças, meias, guarda-chuvas
pilhas, tênis e bermudas
o cabelo dos passantes
mais o tórax do aleijão
tudo lavado na mesma água
que os molha sem os relacionar

emergências

caso esteja consciente
a vítima precisa querer o socorro
precisa querer o resgate

precisa querer a tala
o colar cervical
o monitoramento dos sinais
do segundo coração

a vítima precisa decidir
se agoniza ou desencarna
já na reta de chegada
no pódio da despedida

por isso vou logo avisando:
as emergências são muitas
os recursos, escassos
fatal o desperdício

a vítima precisa querer

menina

rivotril e headphones
são sua bolha
sua venda
seu ray-ban

com eles cruza a avenida
antes de o salto quebrar

(em terra de cego
quem tem cu tem medo)

unhas postiças
mechas de peruca
cílios e dentes

vestígios da colisão

no frio
com o papel dos mapas
forra os sapatos

em dias felizes
o intervalo entre dois amores
é o tempo de um banho

a ocasião faz o ladrão

o ladrão busca
o mesmo que nós:
o negócio perfeito
o lance é não dar moleza
a atitude da vítima
desencadeia a ação criminosa
quem anda sozinho
em lugar ermo
olhando o infinito
está pedindo
quem segue sempre
o mesmo caminho
para no sinal
à esquerda
na primeira fila
está pedindo
na bolsa
uma segunda carteira
é de bom alvitre
ao atender a campainha
fale alto, bem alto
como se estivesse
conversando com mais alguém

quando o amor recupera a visão

tão logo alguém se aproxima
joga-se no chão
finge ter sido espancado
roubado até o último vintém
se o ajudam a erguer-se
abraça a alma caridosa
esvaziando-lhe a bolsa
o maligno o arrasta
através do fogo
através do vau e do redemunho
do lamaçal e do charco
põe facas em seu travesseiro
ratoeiras em sua sopa
ele também
não faz por menos:
bebe pinga com o cachorro
joga dados viciados
cede o corpo a proxenetas
é fustigado nos albergues
nos hospitais públicos
e posto na rua a pontapés
quando o amor recupera a visão

prometeu

o fogo roubado
não é senão
a branquinha humilde:
brasa solitária
entre os carvões da vida

a ira divina
é pouco mais
que a recusa do garçom
em servir
a enésima dose
fiado

o castigo
este sim
tem a grandeza do mito:
a cirrose vulturina
com a família nas garras
da Providência

condomínio

para cada célula do seu corpo
existem outras nove impostoras
pegando carona

o eu é um outro
ou simples ponto de encontro
entre muitas formas de vida

quanto maior a variedade
tanto melhor
triste é ter
só um tipo de inquilino

crianças obesas têm
microbiota menos variada
e autistas amiúde apresentam
problemas digestivos
por falta de bactérias

ratos antissociais tornam-se expansivos
ao dividir gaiola com outros roedores
cujos parasitas eles adquirem
após comer seus dejetos

jamais se iluda
na melhor das hipóteses
você não passa de subsíndico
de um vasto condomínio

Ciran da poesia

não tenho nada a perder. mas perco
e quando sou privado nós estamos juntos.
é pequeno o mundo que nos falta
mas a minúcia é que nos salva um mundo.
meu pronome é pessoal não faço confidência
não insinuo o homem por trás da ficção

ed
uerj



ISBN 978-85-7511-214-4

Ciran da poesia

MARCOS SISCAR
por MASÉ LEMOS

ed
uerj

Bloco de notas

1. olhe sempre para baixo enquanto anda
como se ainda pudesse pisar em carrapicho
manter os pés no chão causa boa poesia
lagartos e sarjetas têm potencial analítico
(o calçamento contém em si o avesso
da terra instaurado pelo passo civilizado et coetera)
2. não alimento oposições sem fundamento
o calçamento pode pairar sobre as cabeças
o céu está a seus pés passe por ele
como quem caminha sobre as estrelas
(deite-se erga o tronco apoiando o cotovelo
apreme as pernas para o alto e siga)

assunto: essência da poesia

Não se diz, in Metade da arte,
pp. 125-6

80

O rio devolve seus barcos

não vou resistir vou lhe dar um nome
o rio devolve seus barcos coisa tantas
vezes finda enquanto desliza deslinda
o que o corpo parado precisa o traço
longo e desmetrificado como um pé
deixado na areia ao ritmo da carroça
passa um infinito no meio do fim
deixo camões com suas armas os barcos
voltam desde há muito inesperados
infundem ferrugem ao verbo escorre

Tome seu café e saia, in Metade da arte,
p. 12

81

O mapa da cidade foi comido por cupins
de corpos translúcidos do antigo descaminho
restou-lhe a certeza de seu coração tácito
sua calma prudência de sedimento
e de rocha terciária no coração da planície
abandonada a cidade construiu o deserto
com seu coração terrestre no centro do vazio

A terra inculta, in Metade da arte,
p. 152

As flores do mal

Ninguém pode cortar por mim o mato do quintal. Ele invadiu o pomar, ameaça obstruir os caminhos. Digo-me que foi gerado pela força do meu silêncio ou da minha omissão. Mas de fato foi semeado pela mão que outrora o arrancou e involuntariamente semeou. Crescido forte e vigoroso, agora enche o trajeto de espanto, de amor-cego, de picão. O carrapicho, por exemplo, essa flor incisiva, nasce no centro de um círculo raiado e vai expandindo seus dedos, até entregar o bago louro de um trigo ruim. Visto de cima, ele tem a forma exata de uma íris. Pelo menos, é a forma que enxergo quando fecho os olhos. Ninguém pode cortar o mato, por mim. Nos dias de chuva, contemplo seu crescimento, sua tranquila absorção do influxo da vida, o percurso que o levará a sufocar a civilização criada em torno dele. Em dias como este, as mãos calejadas de sentido, me ajoelho e o ataco com as unhas. E no meio de ervas daninhas suas, me sujo, concentrado como um artesão, enfurecido como um filósofo, a extirpá-lo. Enquanto isso, suas sementes caem no chão limpo e a terra as acolhe, hospitaleira. Nuvens passam aos pedaços, quando me deito.

O roubo do silêncio,
p. 17